

expointer 2024

Porto Alegre, segunda-feira, 26 de agosto de 2024



 bradesco

 SENAR
Rio Grande do Sul

 FARSUL

 BRDE | CRÉDITO
PARA INOVAR
E DESENVOLVER.



TÂNIA MEINERZ/JC

Criador Fernando Gazapina Martins veio de Livramento para apresentar, em primeira mão ao público, a raça ovina de dupla aptidão (lã e carne) Dohner Merino

Estreias e (re)estreias: raças marcam presença em Esteio e viram atração nos pavilhões

Ana Esteves, especial para o JC
economia@jornaldocomercio.com.br

Todos os anos, uma novidade. Esse já virou o mote da Expointer, pois, a cada edição, a grande vitrine do agronegócio gaúcho é palco de raças e espécies estreantes. Dessa vez, dois burros e duas mulas chamam a atenção de quem circula pelas ruas do Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio. Além deles, uma raça ovina, a Dohner Merino participa pela primeira vez da feira para provar que é possível ter boa produção de lã e de carcaça, ao mesmo tempo. O criador da raça, pecuarista Fernando Martins, da Cabanha Mata-Olho, de Livramento, diz que a raça consegue se manter bem entre a produção de lã e a de carcaça, equação em que é bem difícil de

encontrar equilíbrio.

“O fiel da balança é o trabalho com genética e seleção que permitem uma raça com a Dohne não perder peso quanto reduzimos a micra da lã. Com ela conseguimos um animal de micragem mais baixa (que é o ideal para o mercado), que não vai perder o perfil carniceiro”, explica Martins. Segundo ele, ambos os mercados de lã e carne encontram-se numa situação boa em termos de demanda. “Se essa pergunta fosse feita há cinco anos, eu diria que estava melhor para a carne, mas hoje está empate, ainda mais após o programa de certificação da lã criado pela Arco (Associação Brasileira de Criadores de Ovinos)”, avalia. A proximidade do Estado com o Uruguai, maior comprador de lã do Brasil, com 11 municípios fazendo fronteira com

o país vizinho, facilita o comércio. “Por isso que a tradição laneira está aqui e o restante do Brasil é carne.”

Com a comercialização da lã certificada pela Arco, o produtor chega a receber R\$ 18,00 pelo quilo. A lã comum fica em torno de R\$ 9,00 o quilo. “Quem tem lã fina, tem que ir para a certificação. Se não, cai na vala comum”, diz Martins. Ele explica que o Dohne tem uma lã semelhante a do Merino, mas algumas micras mais grossa: o Merino tem 16 a 17 micras e o Dohne tem 18 a 19, mas se ganha na carcaça. Além disso, a vitalidade do cordeiro é maior, a mãe é mais leiteira, então é possível criar mais animais, eles são mais resistentes.” Para a Expointer, ele trouxe um borrego e duas borregas, já nascidos na propriedade. “Livramento

é uma região ovelheira e tradicionalmente laneira, e a raça se adaptou muito bem, os cuidados são os mesmos que se tem com outras raças e a adaptação foi muito boa”, afirma Martins.

Entre os bovinos de corte, a novidade para este ano é a raça Pardo Brasil, uma cruz entre o Pardo Suíço e o zebu. São nove animais da cabana Nova Esperança, de Glorinha, do pecuarista e presidente da Associação Gaúcha de Criadores de Gado Pardo Suíço (AGPS), Flávio Humberto Tusinho que se orgulha de ser o primeiro gaúcho a trabalhar com essa raça. “Eu criei a raça em 2016, sou o único a criar no Estado e o segundo no Brasil”, conta. Entre os diferenciais da raça ele destaca a precocidade, crescimento rápido, excelente habilidade materna, ideal para

a produção de carneiros fortes e que ganham peso rapidamente, garantindo rentabilidade e resistência ao carrapato, como o zebu.

“O peso dos carneiros com oito meses chega a 380 kg e com um ano pode passar de 500 kg”, afirma Tusinho. O pecuarista sempre trabalhou com o Pardo Suíço para corte, mas enxergou a necessidade de, assim como ocorre em outras raças como Angus e Hereford, realizar a cruz com zebu para conferir mais rusticidade à raça. “O Pardo Brasil veio para ficar. É muito produtiva e, assim como as outras sintéticas, tem um futuro promissor porque agrega qualidade e precocidade à produção de carne”, frisou.

Leia mais na página 2